

# RELAÇÕES DE GÊNERO E ESCUTAS CLÍNICAS





# **RELAÇÕES DE GÊNERO E ESCUTAS CLÍNICAS**

**JOSÉ STONA**

**editora**  
**DEVIRES**



A vida é certamente mais vivível  
quando nós não estamos confinados a  
categorias que não funcionam para nós.

Judith Butler, *Corpos Que Ainda Importam*



# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b>	<b>9</b>
Jaqueline Gomes de Jesus	
<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>GÊNERO: DA FORMAÇÃO A NÃO ESCUTA DO ANALISTA</b>	<b>19</b>
José Stona Andrea Ferrari	
<b>SOBRE MACACOS, CYBORGS E TRANSEXUAIS: A PSICANÁLISE E OS LIMITES DO HUMANO</b>	<b>35</b>
Eduardo Leal Cunha	
<b>DE ONDE ESCUTO? DE FREUD E LACAN E FOUCAULT E DELEUZE E...</b>	<b>51</b>
Patrícia Porchat	
<b>SEDIMENTAÇÕES DE UMA ODALISTA ANDROIDE: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E CLÍNICA TRANSDISCIPLINAR</b>	<b>63</b>
Céu Silva Cavalcanti	
<b>A METAFÍSICA GENERIFICADA DA ESCUTA PSICANALÍTICA</b>	<b>79</b>
Daniel Kveller Henrique Caetano Nardi	
<b>GÊNERO E RAÇA: MARCAS PERSISTENTES DE UM FAZER-SABER DENEGADO</b>	<b>93</b>
José Damico	
<b>VOZES NEGRAS FEMININAS: ECOAM POÉTICAS E AQUILOMBAMENTOS SUBJETIVOS</b>	<b>119</b>
Liziane Guedes da Silva	
<b>INDAGAÇÕES CONTRANORMATIVAS SOBRE OS USOS DOS CONCEITOS DE “FUNÇÃO MATERNA”, “FUNÇÃO PATERNA” E MATERNAGEM</b>	<b>141</b>
Andrea Gabriela Ferrari Milena Silva	

<b>IDENTIDADES TRANSGÊNERAS E O CAMPO DE CUIDADO COM A SAÚDE: UMA ANÁLISE DE EXPRESSÕES COM VIÉS PATOLOGIZANTE</b>	<b>159</b>
Beatriz Bagagli	
<b>IDENTIDADE DE GÊNERO E PARENTALIDADE</b>	<b>175</b>
Gerson Smiech Pinho Analice de Lima Palombini	
<b>TRUQUES E MAIS TRUQUES: SOB O RÓTULO DA DIVERSIDADE ESTÃO AS PRÁTICAS NORMATIVAS PEDINDO PASSAGEM</b>	<b>193</b>
Sofia Favero Emilly Mel Fernandes	
<b>RELAÇÕES ENTRE GÊNERO E SEXUALIDADE INFANTIL</b>	<b>205</b>
Fernanda Isabel Dornelles Hoff	
<b>ATITUDES CORRETIVAS (OU TERAPIAS CONVERSIVAS) DA ORIENTAÇÃO SEXUAL NA CLÍNICA PSICOLÓGICA: UMA ANÁLISE DE CASO</b>	<b>219</b>
Mozer de Miranda Ramos	
<b>A VIDA PSÍQUICA DO ARMÁRIO</b>	<b>235</b>
Lucas Demingos José Stona	
<b>SOBRE OS AUTORES</b>	<b>253</b>



# **APRESENTAÇÃO**

Já não é novidade que nós, psicólogos ou interessades nas múltiplas áreas da psicologia, começamos a entender que o problema central não é apenas a teoria, que ainda pode (re)produzir uma possibilidade de leitura discriminatória, estigmatizante e violenta sobre o sujeito por meio de conceitos que foram construídos colonialmente e que se tornam dispositivos de poder-saber-ser e ajudam a fabricar condições prévias de inteligibilidade por meio de *n* normatizações. Nem mesmo deveríamos ficar surpresos com o comportamento reativo e defensivo de alguns discursos psis (psicólogos, psiquiatres e psicanalistas) diante das nomeações de questões coloniais como branquitude, patriarcado, machismo, elitismo, capacitismo, cisheteronorma etc (KILOMBA, 2010)<sup>3</sup>.

Assim, recusar a interseccionalidade no fazer clínico (a sobreposição ou intersecção de identidades sociais e sistemas relacionados de exploração, dominação ou discriminação que, a partir de categorias, visam, dentre outras coisas, a subverter hegemonias de opressão públicas e privadas para que ganhem visibilidade e reconhecimento social) hoje é, justamente, tentar a todo custo manter um certo legado normativo intacto. É, também, tentar conservar pactos narcísicos de opressão, discriminação e estigma, perpetuando o silenciamento das múltiplas corporeidades possíveis na cultura.

Diante disso, pergunto-lhe: na sua formação, seja ela qual for, quantes autores trans, não binários, não brancos, indígenas, travestis, feministas, LGTBTTQIA+ ou com deficiência você já leu ou tem lido? Quais são os efeitos de tais ausências na nossa formação? Quais são os efeitos desses apagamentos e dessas invisibilidades na nossa escuta e prática clínica? Cada vez mais se torna importante situarmos o nosso lugar de escuta, que é fabricado por uma teoria que não é neutra e isenta de uma historicidade que apaga os marcadores interseccionais de diferença. Se, como nos avisa Gayatri Spivak (1988)<sup>4</sup> e Djamila Ribeiro (2017)<sup>5</sup>, quem tem o privilégio social tem o privilégio epistêmico, ainda cabe uma posição defensiva ou de silenciamento? Qual o lugar das relações de gênero na clínica? Qual o lugar da identidade na clínica?

O livro que o leitor tem em mãos parte dos questionamentos supracitados e, certamente, não consegue dar conta, e nem pretende, “falar de tudo”, deixando questões e ausências para um debate contínuo. A ideia foi organizar um trabalho narrativo feito, principalmente, por profissionais da psicologia que,

<sup>3</sup> KILOMBA, G. “The Mask” In: **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Münster: Unrast Verlag, 2. Edição, 2010.

<sup>4</sup> SPIVAK, G. Can the Subaltern Speak?” In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Larry (Ed.). **Marxism and the Interpretation of Culture**. Urbana: University of Illinois Press, 1988a. p. 271-313.

<sup>5</sup> RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento: Justificando, 2017.

quando pensam seus fazeres clínicos, éticos e políticos, levam em consideração, não como elemento central, mas como elemento não passível de isenção, os atravessamentos singulares das relações de gênero (sejam eles de raça, etnia, classe, gênero, orientação sexual, religião, deficiência, nacionalidade etc.). São, além disso, autores que, em seu campo de atuação, deixam que a clínica seja primária em relação à teoria e fazem dos seus corpos ações políticas, partindo do pressuposto de que a sua teoria, independentemente da linha teórica adotada, não é imparcial frente a estigmas, violências e discriminações. A justificativa da obra está pautada no entendimento de que a prática clínica em psicologia esteve, durante longas décadas, colada aos saberes médicos, jurídicos e terapêuticos, que, a partir de seus dispositivos de “cuidado” e tutela, produziram uma dívida histórica por meio de patologizações e silenciamentos em face das relações de gênero. Longe de ser algo amplamente resolvido, os campos discursivos das psicologias ainda atuam como dispositivos de controle, violência, discriminação e patologização.

Nesse contexto, a obra parte desses (des)encontros entre os campos teóricos de saber e as escutas clínicas para problematizar, enfaticamente, que gênero é um conceito que não pode ser pensado isoladamente (Davis, 2016)<sup>6</sup>. Esta coletânea de textos apresenta as múltiplas faces das relações de gênero nas escutas clínicas dentro dos campos das psicologias.

Em *Gênero: da formação a não escuta do analista*, os autores discutem como a formação do psicanalista, devido a sua possibilidade de manutenção normativa, pode ter como consequência um impedimento da escuta do analista sobre determinadas questões, a exemplo do gênero. A partir de uma breve retomada histórica, os autores refletem sobre como certas posições normativas na formação do psicanalista podem, ainda, estar presentes contemporaneamente.

Em *De onde escuto? De Freud e Lacan e Foucault e Deleuze e...*, o texto apresenta autores franceses que vêm construindo uma psicanálise em diálogo com a obra de Foucault e de Deleuze. O objetivo da autora é pensar um campo psicanalítico que seja constantemente crítico de si mesmo para desconstruir os efeitos de saber que colocam em cena os dispositivos de poder. A atenção que a psicanálise dispensa às minorias é problematizada de modo a não correr o risco de se fundar uma nova psicanálise normativa, universalizante e que essencializa identidades.

Em *Macacos, cyborgs e transexuais: a psicanálise e os limites do humano*, o autor propõe uma breve discussão sobre o lugar, na clínica psicanalítica, de

---

<sup>6</sup> DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016, 244p.

uma interrogação quanto aos limites do humano e seus modos de determinação. Ele propõe, ainda, pensarmos na escuta das experiências transidentitárias e a sua articulação a uma problematização do que poderia ser descrito como “humanismo” psicanalítico, situando que, ao invés de um lugar de afirmação a partir de certo ideal antropológico, a clínica psicanalítica deve ser, ao contrário, um campo de experimentação ética, no qual novas formas de existência possam se produzir e ser reconhecidas.

Em *Sedimentações de uma odalisca androide - algumas reflexões sobre gênero e clínica transdisciplinar*, a autora toma emprestado, como guia provisório, a imagem mítica da Odalisca Andróide, poema de Fausto Fawcett, texto que propõe um passeio pelos campos de reflexão sobre clínica transdisciplinar e perspectivas de gênero pós-estruturalistas. Através de um diálogo entre Espinosa e Butler, a autora atenta para um traçado de subjetividade no qual os códigos morais do ordenamento transcendente corporificam, inclusive, os marcos regulatórios do gênero. Por meio do conceito-metáfora de corpo sem órgãos, o texto faz ser possível vislumbrarmos como os diferentes estratos se compõem por sobre o corpo, construindo formas completamente atravessadas pelas linhas históricas, sociais e econômicas.

Em *A metafísica generificada da escuta psicanalítica*, os autores refletem sobre uma posição ambígua da psicanálise, onde existe, de um lado, uma atitude de resistência em relação aos debates de gênero e sexualidade e, de outro, uma pressuposição naturalizada do gênero em suas práticas através de uma metafísica sustentada no *a priori* da diferença sexual. Os autores sugerem que o gênero só se torna um *problema* para a psicanálise quando ele desafia os rituais heteronormativos que atravessam seu funcionamento cotidiano, argumentando que, se a psicanálise almeja sustentar uma ética realmente não-identitária, deve começar examinando as expectativas e os preconceitos relacionados ao gênero que operam na sua teoria e prática de maneira naturalizada.

Em *Gênero e raça: marcas persistentes de uma fazer-saber denegado*, o autor articula duas categorias que foram negligenciadas pela psicanálise durante muito tempo e que vagarosamente começam a ter seu caminho estriado pelas discussões de grupos que historicamente foram subalternizados. O autor coloca que essa abertura/rasura não se dá sem resistências, indicando que, nos tempos em que vivemos, ninguém que se percebe minimamente ao lado de uma sociedade mais justa gostaria de receber os selos de racistas, machistas, homofóbicos e transfóbicos.

Em *Vozes negras femininas: ecoam poéticas e aquilombamentos subjetivos*, a autora interroga a ética da psicologia que se produz, muitas vezes, a partir

de uma caixa eurocêntrica. A autora, recorrendo às vozes negras femininas do Sarau Sopapo Poético, busca problematizar as ideias de escuta e de sujeito, em uma perspectiva pluriversal e posicionada, em diálogo com a Psicologia Preta e a Filosofia Afroperspectivista. A autora aposta no Aquilombar, como categoria clínico-política, para a (re)construção de modos de subjetivação negros e afroperspectivistas, na diáspora africana ao sul do Brasil, evocando vozes africanas e ameríndias no intuito de afirmar multiplicidades subjetivas a partir de corporeidades e vozes negras, que têm muito a ensinar à psicologia.

Em *Indagações contranormativas sobre os usos dos conceitos de “função materna”, “função paterna” e “maternagem”*, as autoras partem dos qualificativos materno e paterno atrelados às funções constituintes, bem como da noção de maternagem acoplada à figura da mãe, para questionar, a partir de autores contemporâneos, a manutenção desses termos acoplados, ainda que imaginariamente, aos personagens da mãe/mulher e do pai/homem.

Em *Identidades transgêneras e o campo de cuidado com a saúde: uma análise de expressões com viés patologizante*, a autora trabalha o tema patologização das identidades transgêneras em discursos do campo do cuidado com a saúde. Para tanto, ela seleciona artigos e documentos de referência, abordando as seguintes noções utilizadas para descrever as experiências de pessoas trans: “surgimento precoce/tardio/rápido”, “contágio social”, “sofrimento”, “desistência”, “persistência”, “riscos” e “benefícios”. A autora propõe uma discussão sobre como essas expressões são inadequadas para a compreensão das identidades trans, entendendo que elas possuem um viés patologizantes, e busca desenvolver no artigo as perspectivas dos sujeitos trans como um contrapeso a tais expressões.

Em *Identidade de gênero e parentalidade*, os autores problematizam as mudanças ocorridas nas últimas décadas nas configurações das famílias, pensando o estatuto dos laços de filiação e das identidades parentais que se estabelecem no âmbito das minorias sexuais. Os autores referem que, mesmo com uma maior flexibilidade nos papéis desempenhados no interior das famílias, não é raro que as relações constituídas fora da heteronormatividade sejam consideradas socialmente inviáveis, segundo o pressuposto de que a ligação heterossexual seria o único caminho concebível para a organização do parentesco. Com base nas noções de função materna e função paterna, o texto visa a refletir sobre a questão proposta, tanto na prática clínica quanto nas formulações teóricas no campo da psicanálise.

Em *Truques e mais truques: sob o rótulo da diversidade estão as práticas normativas pedindo passagem*, as autoras propõem uma reflexão sobre como a “diversidade” tem sido uma categoria articulada na saúde mental de maneira

controversa. Ao passo que os debates sobre gênero e sexualidade se encontram fortalecidos na esfera pública, nem tudo aquilo que responde ao termo “diversidade” indica ser exatamente uma prática voltada à desconstrução de estereótipos sexistas e LGBTfóbicos. Através de reflexões baseadas nos estudos de gênero, o texto pretende expor como tal “lugar comum” se direciona à produção de dependências clínicas, fazendo com que a figura do/a terapeuta adquira maior autoridade e que nós, pessoas interessadas em outros projetos à psicologia, distancie-mos de horizontes éticos com a diferença.

Em *Relações entre gênero e sexualidade infantil*, a autora pensa sobre como o modo de o sujeito se reconhecer e buscar um lugar junto aos seus amores está relacionado a complexos movimentos pulsionais, identificatórios e traumáticos, que permeiam posicionamentos constitutivos da identidade sexual e da identidade de gênero. O texto evidencia como esses movimentos singulares ocorrem a partir da relação com quem assume a parentalidade e suas funções, atravessados pela cultura. A partir dessa sustentação, a pulsão, o narcisismo e o complexo de Édipo podem ser instaurados numa organização singular do sujeito. A autora ilustra esses percursos constitutivos numa intersecção entre a teoria e alguns recortes da escuta psicanalítica de crianças e adolescentes.

Em *Atitudes corretivas (ou terapias conversivas) da orientação sexual na clínica psicológica: uma análise de caso*, o autor reflete sobre o relato de atendimento clínico de um psicólogo que praticou atitudes corretivas da orientação sexual com um cliente. O texto problematiza as consequências clínicas e políticas de tal ação a partir de diretrizes e referências contemporâneas sobre o assunto.

Em *A vida psíquica do armário*, os autores refletem sobre os efeitos psíquicos exercidos pelo dispositivo do armário sobre o sujeito. Para isso, recorrem tanto a elaborações de Judith Butler, a partir do conceito de melancolia de gênero, quanto às maneiras pelas quais esses efeitos psíquicos se manifestam materialmente nos sujeitos, a partir de breves menções de documentários e recortes da escuta clínica. Em um segundo momento, a investigação reelabora e complexifica a estrutura do armário ao vinculá-la aos relatos de formação do sujeito e suas possibilidades de resistência.

Boa leitura!

José Stona